

Dossiê os livreiros e o seu património

Dossier Booksellers and their heritage

Nuno Medeiros, Daniel Melo, Fátima Ribeiro de Medeiros e Livreiros da Sá da Costa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2107>

DOI: 10.4000/cultura.2107

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 2 Dezembro 2013

Paginação: 319-339

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Nuno Medeiros, Daniel Melo, Fátima Ribeiro de Medeiros e Livreiros da Sá da Costa, « Dossiê os livreiros e o seu património », *Cultura* [Online], Vol. 32 | 2013, posto online no dia 15 maio 2015, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2107> ; DOI : 10.4000/cultura.2107

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

Dossiê os livreiros e o seu património

Dossier Booksellers and their heritage

Nuno Medeiros, Daniel Melo, Fátima Ribeiro de Medeiros e Livreiros da Sá da Costa

NOTA DO EDITOR

Nb: a versão impressa original do livro donde foi retirado este manifesto contém ainda a republicação do opúsculo “Palavras proferidas na inauguração da nova sede da Livraria Sá da Costa [Rua Garrett, 100 – 102]”, por Augusto Sá da Costa, no dia 10 de Junho de 1943, originalmente uma separata de *Livros de Portugal*, n.º 15-16. Aproveita-se para também reproduzir o respectivo colofon:

«Este manifesto foi mandado imprimir pela Livraria Letra Livre em Junho de 2013 no centenário de fundação da Livraria e Editora Sá da Costa, ano 3 da Crise, e 137 anos após o suicídio do internacionalista Giuseppe Fontana livreiro no Chiado e militante da Associação Internacional dos Trabalhadores e das primeiras associações operárias em Portugal.»

In: *Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa*, Lisboa, Livraria Livre, 2013, p. 7-15.

1. “Os livreiros e o seu património”: introdução problematizante / Nuno Medeiros e Daniel Melo

- 1 O sector do livro, nas suas várias vertentes, com destaque particular para a edição, tem suscitado internacionalmente – e, de modo cada vez menos tímido, também já em Portugal – um conjunto assinalável de pesquisa e reflexão, tanto no domínio da investigação de âmbito essencialmente sociológico e historiográfico, como no quadro da produção de vária sorte de relatórios económico-financeiros e resenhas descritivas de

maior ou menor sistematização e profundidade. A multiplicação dos estudos em torno do mundo do livro traduz o crescimento do interesse que o conhecimento nesta área tem despertado, remetendo para as essenciais questões do acesso aos acervos documentais e também da sua protecção e salvaguarda do património do livro que está na base do saber que tem vindo a ser constituído em torno da actividade editorial e livreira, mas eventualmente também tipográfica (vd. Durão, 2002).

- 2 Conhecer e dar a conhecer, num contexto de exploração aprofundada, crítica e desmistificadora, o universo do livro é, portanto, inelutavelmente ter sucesso em três frentes fundamentais: 1) a produção de séries estatísticas sobre a actividade em torno do livro e da cultura impressa (e crescentemente digital); 2) a recolha sistemática e orientada metodologicamente de testemunhos orais dos actores desse campo, constituindo um banco de dados ou um agregado federado e aberto de bancos de dados; e 3) aceder e organizar em ambiente de perpetuação a componente material e arquivística da actividade livreira e editorial, fomentando a sua salvaguarda e patrimonializando o seu estatuto.
- 3 Os eixos 2 e 3, com particular incidência no último, têm constituído uma forte preocupação do projecto de pesquisa intitulado “Edição e Cultura de Massas (Romano Torres)”, simultaneamente gerador de um movimento de reflexão e acção, com sede no Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, coordenado por Daniel Melo e agregador de uma perspectiva multidisciplinar e pluri-institucional. Visa promover a preservação, o estudo e a divulgação da memória e da actividade ligada à produção, circulação e recepção do livro em Portugal na época contemporânea, erigindo-se a partir do arquivo histórico da editora e livraria João Romano Torres, casa emblemática do universo do livro português.¹
- 4 Parte da acção que se tem realizado no quadro do projecto prende-se justamente com a dinamização da discussão pública em torno dos espólios documentais, bibliográficos e arquivísticos dos agentes ligados ao livro, com particular enfoque nos editores e nos livreiros. Nesse sentido, o Centro de História da Cultura através deste projecto tem mantido colaboração com mais do que uma entidade para a realização de sessões com vários convidados e um moderador com o propósito de discutir e divulgar a discussão em torno da premente necessidade de preservação de memória do trabalho de todos os que possuem como ofício trabalhar com o livro na sua publicação, comercialização ou recepção.
- 5 As três primeiras sessões decorrentes do objectivo traçado tematizaram-se nos editores, ocorrendo a primeira na Fundação Calouste Gulbenkian (no âmbito do 11.º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas)² e as duas seguintes na Biblioteca Municipal Camões, em Lisboa. Da primeira iniciativa resultou inclusive registo escrito e publicado nas páginas de *Cultura – Revista de História e teoria das Ideias*, na forma do dossiê “As editoras e o seu património” (Melo, 2012). O lastro escrito e tornado público das sessões realizadas surge, aliás, como complemento relevante desta iniciativa.
- 6 A quarta sessão subordinou-se ao tema dos livreiros, tendo como título “Os livreiros e o seu património”, sendo organizada por Daniel Melo e Nuno Medeiros. Os agentes ligados ao mundo livreiro conhecem finalmente uma sessão que lhes é dedicada em exclusivo,³ realizando-se em 22 de Outubro de 2013, uma vez mais na Biblioteca Municipal Camões (a cujos responsáveis se agradece publicamente a permanente disponibilidade e a continuada colaboração), com quem este projecto tem estabelecido uma parceria

duradoura, parceria que desta feita se estendeu à livraria Culsete, de Setúbal. Para este primeiro encontro relativo aos livreiros e o seu património, foram convidados a intervir Fátima Ribeiro de Medeiros (docente e investigadora de literatura, mediadora e animadora de leitura na Livraria Culsete, de que foi fundadora com Manuel Medeiros) e Pedro Oliveira (livreiro e alfarrabista, ex-livreiro da Livraria Sá da Costa), tendo-lhes sido pedido que construíssem os seus depoimentos e debatessem o tema geral a partir da sua própria experiência.

- 7 São de duas ordens as razões que nos levaram a organizar esta sessão dedicada exclusivamente aos livreiros. Em primeiro lugar, para mostrarmos que há um propósito de atender a todos os agentes do universo do livro, sem excepções, assim se procurando também afastar certo estigma actual em torno de um ofício como o de livreiro. Efectivamente, e como lembra Frédérique Leblanc (1998), desde que se verificou a separação funcional entre edição e livraria, a partir dos séculos XVIII e XIX, os livreiros tenderam – e tendem – a ser conotados com a venda de livros, a que se associa um simbolismo desprestigiante, subalterno e culturalmente menos legítimo quando comparado com o valor e relevância consignados aos editores. Esta realidade das representações em torno da livraria não será seguramente alheia à sua menor visibilidade enquanto objecto de estudo. Uma breve incursão por listas de arquivos de entidades ligadas à produção e circulação do livro revela uma presença esmagadoramente maioritária dos acervos editoriais em detrimento de outros, como os livreiros.
- 8 Em segundo lugar, pretendendo estes encontros sensibilizar para a salvaguarda patrimonial e funcionar como ponte entre passado, presente e futuro, era então actual (e ainda é) a situação de extinção e perigo de extinção de várias livrarias em Portugal, em particular as do centro histórico-cultural de Lisboa (eixo Chiado-Bairro Alto).⁴ Tal tendência teve como caso emblemático a livraria-editora Sá da Costa, cujo fecho anunciado em ano de centenário fez aumentar a indignação, levando à mobilização de vontades em iniciativas culturais e cívicas e obrigando à posterior intervenção de autoridades municipais. No auge da contestação ao seu encerramento, os cinco livreiros em auto-gestão na Sá da Costa, juntamente com a colaboração da Livraria Letra Livre e de Vítor Silva Tavares, editor da & etc, redigiram e leram publicamente o *Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa*. Esse texto, editado em Junho de 2013 e subscrito por quase mil cidadãos, é reproduzido no final do presente dossiê, por amável cedência dos seus autores e do editor, a Livraria Letra Livre.⁵
- 9 O depoimento de Fátima Ribeiro de Medeiros fez-se através da leitura de um texto previamente preparado, dada a impossibilidade de comparência da sua autora, intitulado “Livrarias e património”. O testemunho transfigura-se em análise e reflexão onde se cruzam as várias facetas da sua pessoa, desde a investigação académica sobre literatura até à experiência de décadas com o trabalho de animação de leitura e venda de livros em espaço livreiro e fora dele, passando ainda pela carreira na docência e na formação. Depois de operar uma rápida destrição entre livreiro e livraria, sublinhando a diferença entre os dois termos e as entidades para que remetem, Fátima Ribeiro de Medeiros circunscreve o âmbito da sua intervenção às livrarias, designadamente às livrarias independentes, cujo fim essencial identifica como a promoção da leitura e do livro, associando essa promoção à cidadania e ao espírito crítico. O seu foco incide numa interrogação da própria ideia de património, cuja ligação à livraria se encontra muito para lá do património documental, seja manuscrito, seja impresso. Recorda-nos que a

tangibilidade do património das livrarias começa no próprio edifício, na sua disposição e no mobiliário que faz/fez parte de um espaço livreiro, sendo também assacável a objectos de todo o tipo. O património da livraria é também o património documental, podendo colocar-se a questão do estatuto do fundo de livros para venda que em todo o momento habitam as estantes e expositores, revelando muito do que será a inclinação dos clientes ou as preferências do livreiro. Serão ou não património documental? Serão, inclusive, passíveis de patrimonialização?

- 10 Um dos contributos maiores do depoimento-ensaio de Fátima Ribeiro de Medeiros é a possibilidade de interrogação que pode decorrer das ideias que expõe. Quando menciona a dimensão intangível, assimilando-a na sua imaterialidade ao “conjunto de elementos culturais não palpável, que reside no intelecto, no espírito das ações culturais”, as suas palavras não podem deixar de interpelar a própria noção de preservação e conhecimento patrimonial, sendo neste ponto a sua intervenção um exercício de reflexão sobre o elemento cultural mais lato, de ressonância antropológica. A sua polimórfica e abarcante definição de património das livrarias erige-se em instrumento operativo indispensável ao estudo do próprio património e actividade das editoras, dada a inextricável relação entre os dois patrimónios. Novamente a indagação: não ganhará o estudo do património editorial maior densidade e textura se articulado com o património da livraria, assumindo esta como um espaço de venda – e prescrição mediadora – dos livros daquela? Termina com a defesa da musealização do património das livrarias, atribuindo à instituição a cuja criação exorta um cunho dinâmico de forte componente pedagógica e dotada de programa com ateliês, oficinas e serviço educativo. Um pouco à semelhança da sua livraria, a Culsete, que não deixou de incluir na preenchida programação comemorativa dos seus quarenta anos a exposição “Olhares Sobre a Livraria”, em que as propostas de vários artistas se mesclaram com a mostra de uma parcela do espólio documental da casa setubalense.⁶
- 11 No seu depoimento, Pedro Oliveira começou por acrescentar a livraria Guimarães ao rol de livrarias recentemente encerradas no Chiado elencado por Daniel Melo, aludindo no mesmo passo ao facto do grupo editorial Babel ter cedido parte do seu capital a empresários angolanos, tecendo veladamente uma crítica de alcance mais vasto aos grandes grupos editoriais, eventualmente mais preocupados com o lucro e menos com a intervenção cultural. Explorando várias acepções de livreiro, assumiu que se identificava na sua actividade mais a um aconselhador de leituras do que a um proprietário ou um negociante. Ilustrou uma certa menoridade social do livreiro com o facto de este não possuir um verdadeiro estatuto jurídico reconhecido na Classificação das Actividades Económicas Portuguesas por Ramos de Actividade (CAE), do Instituto Nacional de Estatística, referindo que, na ausência da categoria profissional “livreiro”, a sua inscrição nos serviços de Finanças do Estado deu-se como bibliotecário.
- 12 Inspirando-se na sua passagem pela livraria-editora Sá da Costa, falou no livro *Como devo formar a minha biblioteca*, encomenda do fundador Augusto Sá da Costa ao escritor Albino Forjaz Sampaio. Nesse livro-guia, saído em 1940, o seu autor lista e comenta um conjunto de obras que considera imprescindível constar nas bibliotecas particulares, sendo de anotar o facto da livraria Sá da Costa possuir uma versão à venda de todas elas. Abordou ainda a preocupação desta instituição com a actividade cultural em sentido mais amplo, que foi da edição de livros (incluindo uma colecção de clássicos portugueses ainda hoje de referência) às tertúlias literárias. Mas não só. Da sua experiência na livraria, fez questão de salientar uma especial postura da instituição e dos seus funcionários face ao seu

público, não pressionando à compra de livros, antes convidando os seus frequentadores a deambular pelos livros, mesas e cantos da casa e apostando na qualidade de atendimento.⁷

- 13 Realçou ainda a importância do arquivo histórico da livraria-editora, dando exemplos de documentos como o do contrato com o geógrafo Orlando Ribeiro (autor da casa que detinha 50% da venda dos seus livros, valor raro na época). Esse património permaneceu salvaguardado até à saída definitiva dos cinco funcionários livreiros da Sá da Costa que mantiveram a auto-gestão nos últimos tempos, saída imposta pela declaração de insolvência ditada pelo Tribunal de Comércio de Lisboa. Pedro Oliveira estabeleceu assim uma relação directa entre preservação de património e condições de funcionamento em actividade das entidades livreiras que geram e gerem esse património. A este propósito, remeteu como exemplo para o impacto positivo para as livrarias e para a sua sobrevivência que decorreria de uma aprovação pelos municípios – reportando-se especificamente à Câmara Municipal de Lisboa – da declaração de interesse público para os imóveis que albergam, pelo menos, as livrarias mais antigas, interditando ou dificultando desse modo o trespasse e a alteração desses espaços e da sua actividade, produzindo o seu depoimento uma ligação com as dimensões patrimoniais físicas e tangíveis de imobiliário e mobiliário aprofundadas na intervenção anterior.
- 14 O sucessivo desaparecimento de livrarias históricas, algumas centenárias, caso da paradigmática Sá da Costa, que parece ter acelerado nos últimos anos, bem como a condição de risco acrescido em que parecem existir as livrarias, sobretudo aquelas que não se integram em redes de venda a retalho, coloca com premência a questão urgente que é afinal o pomo de iniciativas como a do I encontro “Os livreiros e o seu património”: a conservação, organização, estudo e divulgação da memória histórica dos agentes e entidades que edificaram a cultura livreira e editorial no Portugal contemporâneo. Foi neste contexto que foi solicitada a Pedro Oliveira e à livraria Letra Livre a já referida autorização para republicação do *Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa* como anexo a este dossiê, dada a sua importância documental e o seu contributo para um maior enquadramento do encerramento da livraria Sá da Costa.
- 15 Apesar da impossibilidade de nos enviar o seu depoimento em tempo útil, a reprodução desse manifesto neste dossiê funcionará, cremos nós, como um substituto possível e precioso da sua intervenção.
- 16 Não podemos passar à súmula da importante fase do debate sem referir previamente que tanto o encontro como este dossiê pretendem também ser um tributo, ainda que modesto, ao amplo labor de outro livreiro entretanto desaparecido, Manuel Medeiros, juntamente com Fátima Ribeiro de Medeiros obreiro da Culsete e figura tutelar dos livreiros portugueses da actualidade.⁸
- 17 No período de debate, entrevistaram da plateia Pedro Marques (especialista em artes gráficas e edição; *blogger*), Flammarion Maués (investigador na Universidade de São Paulo), Maria de Lurdes Alberto (Voc), Rui Beja (editor, estudioso e ex-presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros), Carlos Jorge (docente na Universidade de Évora), Isabel Castanheira (ex-Livraria 107, Caldas da Rainha) e Hugo Xavier (editor).
- 18 Pedro Marques, especialista em artes gráficas e edição, referiu-se a Paulo da Costa Domingos (poeta e editor da Frenesi) e à sua nobilitação da profissão por via da sua loja alfarrabista *online sui generis* (vd. <<http://frenesilivros.blogspot.com/>>), uma via que pode ser de futuro para muitos livreiros, pois este tipo de serviços pode incluir critérios de

selecção pela qualidade, de divulgação e orientação da leitura.⁹ Outra via referida pelo *blogger* de Montag é a das feiras regulares sectoriais.

- 19 Flammarion Maués, investigador brasileiro em história da edição no Brasil e Portugal (a sua tese de doutoramento na USP foi recentemente aprovada), propôs a hipótese de se começar um arquivo sobre a edição através da recolha de catálogos dos editores, pois não são documentação sensível. Considerou que tem que ser a universidade a fazer o trabalho de estudo e preservação da memória, pois os livreiros e editores não estão interessados em dar o pontapé de saída, o que infelizmente não ocorre apenas em Portugal mas também no Brasil. A internet é uma ferramenta que pode ajudar a juntar esforços e boas vontades.
- 20 Maria de Lurdes Alberto, directora da distribuidora Voc – Divulgação Literária e Comércio Lda., fez uma crítica ao desamparo e crise grave em que se encontra o mundo do livro no país, partindo da sua experiência de 43 anos no mundo dos livros, iniciada na Lello & Irmãos Eds., onde foi livreira durante 27 anos. Tal como a vizinha Sá da Costa, esta foi uma das mais prestigiadas editoras-livrarias de Portugal e, apesar de ter publicado autores fundamentais (como Camões, Eça, Arnaldo Gama, Junqueiro), parte deles em suporte acessível como o papel bíblia, e de ter inovado noutras frentes (como a venda a crédito, com a CrediLello), está também em perigo de extinção.
- 21 Já o editor, estudioso e ex-presidente da APEL, Rui Beja referiu-se ao bom exemplo do portuense Museu da Imprensa, iniciativa louvável da sociedade civil, porém já sem capacidade técnica e logística para acolher mais maquinaria. Referiu que a inexistência de um Museu do Livro em Portugal se devia à falta de vontade, ao obscurantismo que teima em fazer estragos no país, como no caso recente do encerramento do Observatório das Actividades Culturais (a 30/11/2013), única instituição estatal exclusivamente vocacionada para a feitura de estudos de apoio às políticas públicas relativas ao livro e à leitura, além das outras áreas do sector cultural.
- 22 Carlos Jorge, docente e investigador na Universidade de Évora, considerou que a salvaguarda da memória e documentação do universo do livro implica obrigatoriamente a existência de um lugar institucional. E que esse lugar devia começar por ser equacionado pelo esforço conjunto de determinadas bibliotecas (Nacional de Portugal, municipais) e da APEL. Quanto às bibliotecas que deviam ser dinamizadoras, tal desiderato dependeria do modelo de espaço a criar: se um só nacional, se municipal, etc.
- 23 Isabel Castanheira, *alma mater* da Livraria 107, extinta nas Caldas da Rainha em 2011, chamou a atenção para o facto da maior parte da documentação de arquivo ser contabilística, sendo os livreiros obrigados a guardá-la por um período muito longo de 10 anos. Apesar de vender livros relativos a um máximo de 100 autores (segundo cálculos para a livraria que liderou), pequenos livreiros como ela eram e são obrigados a disponibilizar aos seus clientes todos os catálogos das editoras no mercado, o que é uma exigência oficial incompreensível.¹⁰ Referiu-se ainda à concorrência desleal praticada pelos grandes grupos e hipermercados, um tema que permanece na actualidade em Portugal: recentemente anunciadas campanhas de descontos das cadeias Fnac e Bertrand levaram a uma contestação nas redes sociais e na imprensa por parte de livreiros independentes e de cidadãos comuns, por constituírem uma violação da lei do preço fixo ao conferirem descontos que incluem novidades editoriais lançadas há menos de 18 meses, tendo originado uma fiscalização por parte da Secretaria de Estado da Cultura, ainda em curso.¹¹ Tais campanhas não só lesariam os livreiros independentes – pondo em causa a sua sustentabilidade financeira – como também os próprios produtores, isto é, os

editores, pois seriam eles que veriam comprimir-se as respectivas margens de lucro, por imposição daquelas cadeias.

- 24 O editor Hugo Xavier referiu que os catálogos antigos são parte relevante do património livreiro, e referiu-se a um bom exemplo externo que devia ser emulado, o da chilena Asociación de Libreros de Libros Usados y Anticuarios “José Toribio Medina”, que criou uma central de compras e um organismo único de vistoria para fazer face ao avanço da concentração e seus efeitos nefastos no sector do livro, em especial quanto à distribuição e regime de preços.¹² Porém, em Portugal, a classe dos livreiros tem sido autista face à dimensão dos desafios que enfrenta. E a APEL não tem vontade, pois aí haverá sempre uma fracção de livreiros e editores que tem interesses divergentes dos pequenos e médios livreiros.

2. Depoimentos do dossiê

2.1. Livrarias e património / Fátima Ribeiro de Medeiros

- 25 Através deste texto vai procurar dar-se algumas achegas para o aprofundamento de uma questão que entre nós tem sido pouco abordada, mas que, cada vez mais, tem vindo a merecer algum espaço na construção de pensamento por parte de quem se ocupa do estudo da livraria e da leitura.
- 26 Sendo este um texto escrito para ser lido no I Encontro "Os livreiros e o seu património" há que felicitar os organizadores do mesmo pela escolha do tema, de grande pertinência, e por compreenderem que as livrarias são elemento-chave no circuito do livro, por isso têm resistido e continuam a resistir, defendendo e assegurando a sua função social e fazendo ouvir a sua voz, que alguns teimam em não escutar, reduzindo-a a uma insignificância antinatural.
- 27 Em vez de pensar no tema enunciado, “Os Livreiros e o seu património”, vai refletir-se sobre as livrarias e o seu património, para delimitar mais a questão, já que o património dos livreiros não se circunscreve apenas à livraria, entrando no foro do privado, o que não nos interessa neste momento.
- 28 As palavras têm sentidos precisos e livraria e livreiro são duas entidades distintas, podendo, embora, confundir-se e sobrepor-se em muitos momentos. Porém, como costumava dizer Manuel Medeiros, as livrarias são os seus livreiros, por isso entende-se perfeitamente o título do Encontro e a sua intencionalidade.
- 29 Quando se fala aqui de livrarias pensa-se nas vulgarmente designadas por livrarias independentes, livrarias sem outro suporte que não seja o trabalho do livreiro e dos seus colaboradores, por vezes pouco mais do que familiares, cujo fim primeiro é a promoção da leitura e do livro, com vista a formar leitores que se assumam como cidadãos livres, críticos e atuantes, não descurando, porém, o lado financeiro, necessário à sobrevivência de qualquer instituição.
- 30 O termo património chega às instituições culturais, onde obviamente se incluem as livrarias ditas independentes, partindo de disciplinas como a Contabilidade e o Direito. Assim, o conceito de património de uma instituição define-se a partir dos bens, direitos e obrigações dessa entidade, sendo universal e indivisível, não podendo ser desfalcado impunemente, considerando-se o inventário o primeiro procedimento que permite, pelo seu levantamento, ter consciência do património existente.

- 31 As instituições culturais foram aqui beber os fundamentos básicos, que depois adaptaram e moldaram aos seus princípios.
- 32 Património cultural, conceito sobre o qual a UNESCO tem produzido documentação pertinente, será, então, o conjunto de todos os bens, materiais ou imateriais, que, pelo seu valor intrínseco, devem ser considerados de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura de uma instituição, de uma região, de um povo.
- 33 O património cultural assume duas vertentes: intangível, ou imaterial, e tangível, ou físico. O património tangível divide-se em móvel e imóvel. No património imóvel situa-se o imobiliário, os conjuntos arquitetónicos, no presente caso, o edifício da livraria.
- 34 No paradigma do património tangível móvel cabe, no caso vertente, um sem número de artefactos, engenhos, documentos, que assumem valor histórico.
- 35 Logo à cabeça temos as estantes, os balcões e expositores, as máquinas e diversos objetos decorativos ou de uso prático. Por exemplo, a Culsete tem uma máquina registadora do final da década de 1960, várias calculadoras e uma máquina de escrever da década seguinte, tem, entre outras coisas, 9 cinzeiros de tipo e tamanho diverso a que Manuel Medeiros sempre deu muito uso até à proibição de fumar em espaços públicos fechados.
- 36 Coleções de fotografias de proveniência e com finalidade diversa, – por exemplo, feitas expressamente para venda ou reproduzindo acontecimentos vividos na livraria – coleções de filmes, de registos áudio, de CD e CD-ROM, e outros materiais mais recentes, fotografias de autor, pinturas, objetos de artesanato ou de tipo diverso adquiridos ou ofertados por amigos, por leitores, por autores, livros de assinaturas recolhidas ao longo de anos, tudo isso encontramos nas nossas livrarias, faz parte do seu património.
- 37 E livros, claro, livros pagos e repagos, que repousam nas estantes, muitos deles esgotados, alguns arrumados de forma quase escondida para serem descobertos um dia, porque o livreiro não quer separar-se deles, precisa de os vender, há de vendê-los, mas o mais tarde possível. Formam o chamado fundo da livraria. Não esqueçamos as revistas, que colocamos aqui em pé de igualdade com os livros. E os áudiolivros.
- 38 Há depois todo o conjunto de património documental, manuscrito e impresso.
- 39 O maior volume corresponde aos documentos contabilísticos e comerciais, para muitos os menos interessantes, mas fundamentais para a compreensão das relações entre livrarias e editoras (relações quase sempre com alguma tensão latente), ou entre elas e clientes do mais variado género, quer institucional quer privado, ou ainda entre elas e instituições bancárias, escolas, câmaras, bibliotecas, etc. Através deste património pode medir-se a saúde económica e financeira do mercado livreiro de determinada época, que é, por seu turno, reflexo do estado da economia do país. Por aí pressentem-se as crises e os momentos de certa estabilidade social. Avaliam-se ainda os níveis de leitura em determinado ano, em determinado período, em determinada década e as respetivas tendências de leitura. Este é, pois, um património muito rico para a sociologia e outras disciplinas e que pode levar a diferentes estudos e investigações, permitindo cruzar dados com documentos de outras áreas e patrimónios.
- 40 Porém, todos os anos são atirados para o lixo milhares de pastas de arquivo de valor patrimonial considerável, perdendo-se irremediável e definitivamente doses maciças de informação que iriam permitir a construção da memória de um sector e que, portanto, fazem parte da nossa memória comum.

- 41 É urgente estabelecer a diferença entre o que se pode deitar fora e o que se quer preservar.
- 42 A Culsete tem centenas de dossiês e pastas com o seu arquivo contabilístico, perfazendo milhares de documentos, guardados à espera de um lugar condigno onde possam ser tratados, catalogados, estudados, mostrados.
- 43 Outros elementos constituintes do património tangível móvel, de valor incalculável, quase sempre desprezados e deitados para o lixo com a maior naturalidade, são os catálogos e os preçários. Distribuídos pelas editoras às livrarias, os catálogos, além de serem eles próprios publicações muito interessantes, onde grafismo e *design* estão por vezes de mãos dadas, são repositórios importantíssimos de informação. A sua consulta esclarece dúvidas, reforça certezas. Comparando os vários catálogos de uma editora ao longo do tempo tem-se a verdadeira dimensão da evolução dos seus fundos. O que saiu e voltou a entrar anos depois, o que foi definitivamente excluído, o que se manteve e se tornou um clássico da editora, as oscilações das coleções, a predominância de alguns autores, as variações de gosto acompanhando as mudanças de público e de responsáveis pela edição e publicação, tudo isto se pode estudar lendo e consultando catálogos. Até a evolução das capas dos livros é possível observar a partir deles, permitindo também acompanhar o percurso visual de uma editora, sobretudo a partir da década de 1980. E, imagine-se, este material sempre foi disponibilizado de forma gratuita. Talvez por isso seja tão mal estimado. Que se pare de deitar fora os poucos catálogos em papel que ainda se distribuem nas livrarias é o pedido que é preciso fazer.
- 44 Atualmente muitas editoras têm apenas um catálogo *on-line*, que tem uma função imediata fantástica, mas não permite (pelo menos por enquanto) a visão comparativista e histórica dos catálogos em papel. Procure-se saber, por exemplo, o que publicava a Livraria e Editora Bertrand (ou outra qualquer) em 1973, ano de abertura de porta da Culsete. Através da Internet não se vai chegar lá. Mas quem consultar os catálogos desse ano distribuídos por essa editora vai encontrar essa informação concentrada em algumas páginas.
- 45 A Culsete tem caixas e caixas de catálogos que foi preservando desde sempre. Gostaria de os partilhar com o público, mas como?
- 46 Livrarias há que vão publicando boletins informativos, folhetos, pequenos jornais, que produzem cartazes, postais, marcadores de livros, calendários, desdobráveis, *plaquettes*, e muito outro material promocional e de divulgação para distribuição gratuita, além de livros e revistas destinados a serem vendidos. Há ainda os materiais elaborados em parceria com diversas instituições: listas dos mais vendidos, sugestões de leitura para agendas culturais, etc., etc. Todos eles pertencem ao património móvel da livraria, criam relações uns com os outros e com os leitores, têm, como tudo o que atrás foi referido, valor duradouro, são transmissores de informação cultural aos leitores atuais e aos nossos vindouros. Promovem a aproximação com outros patrimónios.
- 47 O mesmo se pode dizer da correspondência recebida e enviada, comercial ou pessoal, com valor institucional, literário ou outro. Ou dos recortes de jornais que noticiam momentos promovidos pela livraria ou simplesmente falam dela ou do seu livreiro, ou das atividades conjuntas dos livreiros e das livrarias.
- 48 Há ainda todo o património manuscrito: rascunhos, primeiras versões de cartas, de propostas de animação, *brainstormings* de atividades a realizar, lembretes, encomendas, apontamentos diversos sobre o estado da arte e muitos outros papéis aparentemente sem

- sentido e utilidade, pouco bonitos, porque muito riscados e feitos com pouco cuidado, mas preciosos para se entender o outro lado das coisas, o seu percurso até à realização com sucesso ou o seu fracasso e não consecução. Há que preservá-los cuidadosamente, contextualizando-os, para que não se perca a real dimensão dos assuntos que abordam.
- 49 As livrarias também possuem património intangível ou imaterial. Este é o conjunto de elementos culturais não palpável, que reside no intelecto, no espírito das ações culturais.
- 50 Muito do que se vive e realiza na livraria, conversas, sessões, encontros, apresentações, as pequenas histórias de todos os dias, a música que se toca ao vivo, inclui-se no património imaterial.
- 51 Não se fala ainda aqui nos *e-books*, mas obviamente que são património imaterial. Há que refletir sobre este património tão importante no momento presente e a construir-se como indispensável para o futuro. Dadas as suas características, a sua abordagem deste ponto de vista será feita noutra oportunidade.
- 52 Está assim genericamente apresentado o património das livrarias. Património é testemunho, é um legado que se deixa às gerações futuras. É um valor duradouro que vai ajudar à diversidade cultural. A sua natureza é dinâmica, permitindo intercâmbios, sendo animado por grande capacidade de transformação.
- 53 O património das livrarias apresenta-se como um conjunto de elementos distintos, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam um grupo social, englobando as artes da escrita ou outras, mas também, como qualquer forma de património, modos de vida, sistemas de valores e crenças e ainda direitos fundamentais do ser humano. Pode, pois, constituir-se numa coleção importante para a compreensão, entre outros aspetos, dos níveis de leitura em Portugal e a definição do leitor padrão, para o entendimento das formas de difusão e penetração do livro, para a definição de padrões de cultura.
- 54 Sem se conhecer e estudar o património das livrarias, qualquer estudo sobre o património editorial será sempre incompleto, falseado, porque, entre outros aspetos, a editora produz e fatura muita coisa que a livraria não vende e que termina nos saldos ou nas vendas a quilo quando não acaba na guilhotina. Ou, na melhor das hipóteses – e na maioria das vezes – nos fundos de livraria. A Culsete, como muitas outras livrarias, não deita fora nem destrói livros. O equilíbrio estará sempre na aferição comparada entre os dois patrimónios.
- 55 Coloca-se neste momento uma questão: quando uma livraria encerra o que é feito do seu património? Os livros vendem-se. E o resto? E os documentos, os papéis? Não queremos acreditar que sejam destruídos ou deitados fora. É preciso salvar com urgência esse património riquíssimo e insubstituível. Alguém tem de começar a pensar nisto.
- 56 É forçoso que se pergunte então: Como poderá ser feita a preservação deste património? É pertinente musealizá-lo? Criar o Museu da Livraria e do Livreiro? Um museu (quer seja este ou não o seu nome) independente de outras instituições, que permita albergar diversos tipos de coleções, sendo a componente documental definitivamente a mais importante.
- 57 Um museu/arquivo/biblioteca/galeria/livraria. Um organismo vivo com possibilidades de realização de ateliês e oficinas sobre diferentes atividades relacionadas com o livro, das mais inusitadas às mais comuns, como, por exemplo, a arte da encadernação ou da impressão tradicional. Um museu com serviço educativo. Um museu que seja um pólo de atração e união e que defenda com unhas e dentes a promoção da leitura.

58 Também neste campo é tempo de agir.

2.2. Manifesto contra o desastroso encerramento das livrarias da Cidade de Lisboa no centenário da Livraria Sá da Costa / Livreiros da Sá da Costa [Noémia Batalha, Susana Pires, Pedro Oliveira, Salomé Gonçalves e António Esteves]

59 Mercê de nebulosas negociatas que serão caso de polícia mais de o serem de tribunais, a Livraria Sá da Costa só não fechou ainda a porta porque nós, os seus 5 livreiros, a temos mantido aberta – e já lá vão 2 anos – desde que um certo «senhor» se pôs a monte deixando atrás de si todo um cenário de desolação que passa por nós – os porventura mais afectados – mas se estende também à Livraria Buchholz e bem assim às editoras Portugália e Cavalos de Ferro, casas que levaram tempo a honrar um nome e que ele praticamente desmantelou em menos de um fósforo.

60 Que não está sozinho ao proceder assim sabemos-lo bem, como vamos sabendo da impunidade que rodeia os chamados crimes de colarinho branco, esses que engordam causídicos antes que os tribunais decidam de vez quem é que deve o quê e a quem e quanto – caso este da Sá da Costa.

61 Ora nós devemos sublinhar – e que isto valha um grito! – que o nosso papel, nesta casa e neste momento, não é apenas o do esforço de manter os tão badalados «postos de trabalho», ainda que estes ao nível do pãozinho de cada dia (e pouco mais, como se pode deduzir). O nosso papel é o de, afinal, sermos – para todo os efeitos práticos, no dia-a-dia do nosso trabalho – os herdeiros de uma casa, de uma actividade, que desde há exactamente 100 anos (a Sá da Costa foi fundada a 10 de Junho de 1913) tem garantido um indesmentível prestígio cultural quer como Editora, agora suspensa, quer como Livraria, esta que animamos com a nossa paixão e o nosso labor obstinado. Herdeiros, note-se, sem que reivindicemos quaisquer direitos de propriedade material. Herdeiros, pois, tão-somente do seu legado, do seu espírito, que é também, e de que maneira, o espírito deste lugar que habita há (também exactamente) 70 anos, lugar cobiçado demais pelos negócios do dinheiro graúdo para que haja alguém – pessoa ou entidade – que o defenda, que o mantenha como lugar de difusão por excelência de valores imateriais, esses valores que a todo o custo se devem preservar, se devem promover no absoluto vazio gerado pela ditadura financeira – rapace e usurária.

62 Sinal dos tempos – bem paradigmáticos desta apagada e vil tristeza em que o País, e nós com ele, nos encontramos mergulhados – a zona do Chiado, com sua histórica envolvência, tem sido palco de uma razia, de uma devastação, que nem a animação de rua, também ela apregoadada, e até promovida, de «cultural», ilude a substantiva destruição dos seus espaços culturais emblemáticos: por fatal «mudança de ramo», vítimas da especulação dos arrendamentos, expulsas pela investida tornada «natural» das lojas de luxo, encerraram portas num abrir-e-fechar de olhos a Livraria Portugal, a Livraria Guimarães, a Livraria Barateira, a Livraria Camões, e estão em vésperas de fechar a Livraria Olisipo e a Livraria Artes e Letras se não mesmo a projecta Livraria Lello.

63 Senhoras e senhores:

64 Não estamos a acusar a FNAC, não estamos a acusar a Bertrand, mesmo se entendidas elas (e por alguns) como eucaliptos sugando a seiva do mercado de consumidores. Livrarias

generalistas, com sua escala de certo modo gigantesca, ocupam o lugar que ocupam, fazem pela vida, propõem mercadorias a públicos necessariamente diversificados.

- 65 Acusação por acusação, o nosso papel assenta em acusarmos – e para além do banditismo de quem arrastou a Sá da Costa à situação de falência inequivocamente fraudulenta – todo um estado de coisas que faz imperar o consumismo mais ignaro e desenfreado e mais enganadoramente «rentável» (já que não passa de fogo-fátuo sem tempo, pois, de consolidação) como símbolo eleito a soberano da Barbárie que mina, escareia, esvazia a Cidade – o espírito de uma Cidade – como lugar de civilismo civilizado. É esta a nossa acusação primordial.
- 66 Ora, a cidade da paranóia mercantil – e do fartote de circo a adornar o parco pão – passa de lado, não sabe, não conhece, não quer saber, não quer conhecer.
- 67 Sendo a «concorrência» a verdadeira, incontornável «alma do negócio» (dizem-no gentes desalmadas) a própria corporação de editores e livreiros não só encolhe os ombros como parece rejubilar quando um «concorrente» – ainda que não faça concorrência por ser outro o seu âmbito – se vê forçado a fechar a porta. Resultado: ninguém levanta um fósforo do chão.
- 68 Decididamente – outro sinal, triste sinal, dos tempos – a solidariedade esvai-se das práticas sociais, ficando a palavrinha reduzida ao seu uso demagógico. Não é por acaso – e é bem significativo – que nas actuais circunstâncias da Sá da Costa, apenas (e se tanto) uma dúzia de editoras que de uma ou de outra maneira se situam nas margens do negócio-pelo-negócio se dispuseram a colocar os seus livros na nossa livraria. Será de justiça nomeá-las: & etc, Antígona, Artistas Unidos, Dois Dias, Casa da Achada, Chili Com Carne, Boca, Blau, Colares, Colibri, Fenda, Letra Livre, Livros Horizonte, Mariposa Azul, Orfeu Negro, Pianola, Pierre von Kleist, Veja – todas elas aventuras editoriais que se teimam luzes, pequenas luzes, no denso negrume da produção livresca massificada. De há 2 anos para cá só a elas devemos a continuidade no que respeita às chamadas «novidades».
- 69 O resto, com que enfrentamos os encargos básicos, é o que, cerrando fileiras, podemos salvar do acervo que colocou a Sá da Costa como ponto de referência da cultura portuguesa, com suas prestigiosas colecções onde avulta – e é um monumento, caros Senhores! – a Clássicos Sá da Costa – os antigos como os da Nova Série.
- 70 Mas outros amigos – compradores ou não – mas bem distintos daquela «comunidade do croquette» que não falha inaugurações, têm vindo a apoiar-nos ao comparecer nas iniciativas com que sublinhamos a permanência e a afirmação cultural da Sá da Costa. Com eles e connosco, o Chiado tem dado um ar de sua graça como lugar de culto. Saberão alguns de vós do vídeo que a Renata Sancho realizou sobre a morte anunciada da nossa Livraria. «Dias Contados», lhe chamou.
- 71 Pois bem: mais de setecentos dias já vão contados desde que os responsáveis financeiros e administrativos viraram costas. E ainda cá estamos, intervenientes e testemunhas. É certo que não sabemos onde estaremos amanhã. Mas hoje, neste dia em que celebramos o centenário de uma casa de cultura que tem nobilitado o seu mister e contribuído para que a Cidade seja mais do que um conjunto de prédios, ruas e cadáveres adiados, sentimo-nos honrados por termos conseguido puxar a infausta situação até ao momento da própria efeméride.

- 72 Sem estes 2 anos de perseverança não estaríamos hoje aqui, mantendo a memória da Sá da Costa como realidade viva ao invés daqueles que a querem estátua inerte para um qualquer museu de cera.
- 73 De braço dado com o nosso amigo pintor Rouslam Botiev, e o nosso sonoplasta João Coimbra,
- 74 Somos,
- 75 *Os Livreiros da Sá da Costa*,
- 76 Noémia Batalha, Susana Pires, Pedro Oliveira, Salomé Gonçalves e António Esteves.
- 77 Até sempre.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Susana (2013), “Os cinco querem salvar a Sá da Costa”, *Carrossel Magazine*, 31/7, [Consult. 29 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://www.carrosselmag.com/os-cinco-querem-salvar-a-sa-da-costa/>>.

CASTANHEIRA, Isabel (2011), “Desabafo”, *Cavacos das Caldas*, 1/12 [Consult. 28 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://cavacosdascaldas.blogspot.pt/2011/12/desabafo.html>>.

CERLALC (2003), *Estudio de canales de comercialización del libro en Chile*, s. l., Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe [Consult. 4 de Dezembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://www.observatorioliticasculturales.cl/OPC/wp-content/uploads/2013/03/Canales-comercialización-Chile.pdf>>.

COSTA, Sara Figueiredo (2011), “Assim não há livraria que aguento” e “Palavras de uma livreira”, *Cadeirão Voltaire*, respectivamente de 2/12 e 2/11 [Consult. 28 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://cadeiraovoltaire.wordpress.com/tag/isabel-castanheira/>>.

CURTO, Diogo Ramada (2013), “A volúpia dos livros antigos”, *Público*, 5/4, p. 39-Ípsilon.

DURÃO, Susana (2002), *Oficinas e tipógrafos: cultura e quotidianos de trabalho*, Lisboa, Dom Quixote.

ENCONTRO LIVREIRO (2013), “Livreiro da Esperança Especial Culsete - 40 Anos”, *Isto Não Fica Assim! O Blogue do Encontro Livreiro*, 30/11 [Consult. 1 de Dezembro, 2013]. Disponível em: <URL: http://encontrolivreiro.blogspot.pt/2013/11/livreiro-da-esperanca-especial-culsete_30.html?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed:+IstoNoFicaAssim+%28ISTO+N%C3%83O+FICA+ASSIM!%29>.

LEBLANC, Frédérique (1998), *Libraire: un métier*, Paris, L' Harmattan.

LETRIA, José Jorge (2013), “Quem deixou morrer a Livraria Sá da Costa”, *Público*, 29/7, p. 39.

LUSA (2011), “António Machado Pais entre os seis distinguidos pelos editores e livreiros”, *RTP*, 28/10 [Consult. 28 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=493969&tm=4&layout=121&visual=49>>.

MARQUES, Pedro (2010), “Cinco escolhas de Paulo da Costa Domingos”, *blogue Montag*, 18/10 [Consult. 28 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://>>

pedromarquesdg.wordpress.com/2010/10/18/cinco-livros-cinco-escolhas-de-paulo-da-costa-domingos/>.

MELO, Daniel (org.; 2012), “As editoras e o seu património” (dossiê), *Cultura – Revista de História e teoria das Ideias*, vol. 30, p. 173-203.

NARCISO, Natacha (2011), “Livraria 107 não resiste à crise e está em risco de encerrar”, *Gazeta das Caldas*, 29/7 [Consult. 28 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: <http://www.gazetacaldas.com/13768/livraria-107-nao-resiste-a-crise-e-esta-em-risco-de-encerrar/>>.

OLIVEIRA, Marta Susana Matos (2011), *Livraria Sá da Costa: uma livraria e editora através da história (1913-2011)*, Aveiro, Universidade de Aveiro, dissertação de mestrado.

RODRIGUES, António (2013), “Os livreiros no seu labirinto”, *Público*, 29/7, p. 18-20-Ípsilon.

TAVARES, José Correia (2001), *O timbre das vozes*, Alpiarça, Garrido Editores.

ANEXOS

Errata e adenda ao 1.º dossiê sobre a edição contemporânea e o seu património

No 1.º dossiê dedicado ao património da edição contemporânea, publicado na revista *Cultura* n.º 30, refere-se erradamente que a editora Europa-América encerrara portas quando o que se queria dizer é que fora extinta a sua antiga oficina gráfica, a Gráfica Europam, criada nos anos 1970. Por este lapso involuntário, aqui ficam as nossas desculpas à editora e aos seus responsáveis.

No mesmo texto do estado da questão, da autoria de Daniel Melo, a listagem bibliográfica aí inserida é forçosamente não exaustiva, dado o carácter de urgência de publicação do dossiê, a dificuldade no levantamento dos estudos e a preocupação em apenas salientar uma ou outra obra central por cada autor julgado representativo. Seja como for, aproveita-se esta oportunidade para destacar algumas referências bibliográficas que aí deviam constar ou que foram publicadas entretanto, bem como para aditar alguns trabalhos dedicados a livreiros (obras não incluídas nesse estudo por critério restritivo que excluiu ainda as obras predominantemente sobre tipógrafos, imprensa, publicações periódicas, livreiros, censura e leitura pública, como referido em nota própria). Eis então um aditamento possível:

AAVV (2013), & etc. *Uma editora no subterrâneo*, Lisboa, Letra Livre.

ANSELMO, Artur (2008), *Ler é maçada, estudar é nada*, Lisboa, Guimarães Editores.

ANSELMO, Artur (2000), *Babel sobre Babel*, Lisboa, BABEL.

BEJA, Rui (2011), *À janela dos livros*, Lisboa, Temas e Debates / Círculo de Leitores.

BRASÃO, Inês, et al. (2009), *Comunidades de leitura: cinco estudos de sociologia da cultura*, Lisboa, Colibri.

COSTA, Sara Figueiredo (2013), “Manuel Medeiros, um ‘livreiro velho’ de olhos postos no futuro”, *Blimunda*, n.º 16, p. 16-22 [Consult. 29 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: http://saramago90anos.files.wordpress.com/2013/09/blimunda_16_setembro_13.pdf>.

COSTA, Sara Figueiredo (2013), “Culsete. 40 anos de resistência”, *Blimunda*, n.º 16, p. 10-15, [Consult. 29 de Novembro, 2013]. Disponível em: <URL: http://saramago90anos.files.wordpress.com/2013/09/blimunda_16_setembro_13.pdf>.

COSTA, Sara Figueiredo (2013), Carlos da Veiga Ferreira. *Os editores não se abatem*, Lisboa, Booktailors.

FERREIRA, Jorge M. Rodrigues ([201-]), *História da biblioteconomia em Portugal (c.1740-1926)*, Casal de Cambra, Caleidoscópico.

MAUÉS, Flamarion (2013), *Livros que tomam partido: a edição política em Portugal, 1968-80*, Lisboa, Universidade de São Paulo, tese de doutoramento.

PORTO, Carlos (1994), *Livrarias & livreiros, 1945-1994. Histórias portuenses*, Porto, Livraria Leitura.

SAMUEL, Paulo (2006), *Livraria Fernando Machado, história e prestígio de uma livraria portuense*, Porto, Caixotim.

SANTOS, José da Cruz (coord.; [2000]), Agostinho Fernandes. *Um industrial inovador, um colecionador de arte, um homem de cultura. Fotobiografia*, s. l., Portugália Editora Internacional.

SANTOS, José da Cruz (org.; 1999), Fernando Fernandes. *47 anos de divulgação da leitura*, Porto, Campo das Letras.

NOTAS

1. O projecto mencionado está actualmente a ser articulado com um outro, mais recente e circunscrito, centrado no tratamento do arquivo histórico da editora e na disponibilização de conteúdos diversificados através de um *website* próprio (<<http://fcs.unl.pt/chc/romanotorres/>>). Este projecto intitula-se “Romano Torres: um arquivo histórico representativo da edição contemporânea”, é também coordenado por Daniel Melo e apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian através do seu Concurso de Recuperação, Tratamento e Organização de Acervos Documentais, na edição de 2013.
2. Vd. painel “As editoras e o seu património: preservar, disponibilizar e divulgar como medidas urgentes” no programa do congresso em <<http://www.bad.pt/11congresso/>>.
3. Já antes haviam sido convidados José Antunes Ribeiro, da Livrarte, na primeira sessão, e Narcisa Fernandes, sócia-gerente da editora-livraria Editorial Minerva, na terceira, que não pôde comparecer por motivos imprevistos. Também já participaram bibliófilos/coleccionadores (José Pacheco Pereira e Arnaldo Saraiva) e um ex-director de empresa jornalística com tipografia e forte pendor editorial e cultural: referimo-nos a Fernando Paulouro e ao seu *Jornal do Fundão*.
4. Com efeito, em 2012/13 deu-se o desaparecimento quase simultâneo de várias livrarias “históricas” no país: Portugal (1941-2012), Barateira (1914-2013), DN-Rossio (1938-2013) e Sá da Costa (1913-2013). Em risco estão agora a Olisipo, a Artes e Letras e talvez a Lello (da Rua do Carmo), entre outras (sobre esta questão vd. Rodrigues, 2013; Curto, 2013; Letria, 2013; e André, 2013). A nova lei do arrendamento urbano, que permitiu um aumento significativo nas rendas antigas, agravou esta tendência.
5. Aproveitamos para agradecer aos mentores da Letra Livre, Carlos Bernardo, Eugénia Gomes e Eduardo Sousa. A leitura deste texto por Vítor Silva Tavares, no espaço da Sá da Costa, ocorreu no dia 23/7/2013 e pode ser apreciada no vídeo “Lançamento do Manifesto da Livraria Sá da Costa

Editora”, <<http://www.youtube.com/watch?v=OwuiFrMxGN0>>. A sessão contou ainda com intervenções do livreiro e editor Eduardo Sousa e do livreiro Pedro Oliveira.

6. A exposição esteve patente na Casa da Cultura, em Setúbal, entre 13 de Setembro e 9 de Outubro de 2013 (vd., por exemplo, <<http://local.pt/exposicao-olhares-sobre-a-livraria-em-setubal/>> e <<http://innerspace22.wordpress.com/2013/09/15/exposicao-40-anos-culsete/>>). Por outro lado, a dimensão dinâmica e activa da promoção do património, simultaneamente também engendramento desse património, também pode ser aferida através de iniciativas como o Dia da livraria e do livreiro recentemente instituído por um conjunto de livreiros em parceria entre o Encontro-Livreiro (concebido e realizado na Culsete) e a Fundação José Saramago (vd. <<http://encontrolivreiro.blogspot.pt/>> e <<http://diadalivrariaedolivreiro.wordpress.com/2013/11/23/dia-da-livraria-e-do-livreiro-2013/>>).

7. Esta postura cultural é esmiuçada em testemunho do continuador e herdeiro João Sá da Costa (vd. entrevista em Tavares, 2001: 89-99) e numa dissertação de mestrado (vd. Oliveira, 2011).

8. Fátima Ribeiro de Medeiros e Manuel Medeiros receberam em 2013 o diploma Livreiro da Esperança Especial Culsete - 40 Anos (vd. Encontro Livreiro, 2013).

9. Detalhes em post no blogue Montag (vd. Marques, 2010).

10. Para mais detalhes sobre esta livreira galardoada com o Prémio Livreiro em 2011 (atribuído pela APEL no âmbito do I Congresso do Livro) vd. Castanheira, 2011; Costa, 2011; LUSA, 2011; e Narciso, 2011.

11. Sobre o tema cf. “Livreiros independentes apresentam queixa contra redes FNAC e Bertrand”, i, 20/11/2013, <<http://www.ionline.pt/artigos/portugal/livreiros-independentes-apresentam-queixa-contra-redes-fnac-bertrand/pag/-1>>; “Livrarias independentes denunciam violação em grande escala da Lei do Preço Fixo”, blogue *Pó dos Livros*, 20/11/2013, <<http://livrariapodoslivros.blogspot.pt/2013/11/livrarias-independentes-denunciam.html>>; “A Inspeção-Geral das Actividades Culturais dá razão aos livreiros independentes”, blogue *Pó dos Livros*, 29/11/2013, <<http://livrariapodoslivros.blogspot.pt/2013/11/a-inspeccao-geral-das-actividades.html>>. Vd. ainda o artigo de opinião da editora e livreira Zita Seabra, responsável pela Alêtheia: “E não deixam nada”, *Público*, n.º 8630, 26/11/2013, p. 54 (<<http://www.aletheia.pt/blogs/blog/10419785-e-nao-deixam-nada-artigo-de-zita-seabra-no-publico-26-11-13>>).

12. Foi fundada em torno de 1994 e organiza regularmente feiras de livros (vd. <<http://www.australvaldivia.cl/site/edic/20040502033139/pags/20040502040442.html>>). Sobre a situação do livro no Chile vd. relatório do Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe, organismo intergovernamental patrocinado pela UNESCO (vd. CERLALC, 2003). No Chile existe ainda uma Sociedad de Bibliófilos Chilenos (<<http://sociedaddebibliofiloschilenos.blogspot.pt/2011/01/la-feria-del-libro-usado.html>>), de 1945, além da Cámara Chilena del Libro, de 1950, que agrega actualmente 87 editores, distribuidores e livreiros (vd. <<http://camaradellibro.cl/quienes-somos/>>).

RESUMOS

Este dossiê representa a continuidade de um projecto que tem procurado debater publicamente o património dos agentes ligados à produção e circulação do livro. Centrando-se nos espólios dos livreiros, a introdução problematizante e os depoimentos procuram discutir o seu carácter invisível enquanto objecto de pesquisa, salvaguarda e divulgação. Há, então, uma reflexão que urge fazer, à semelhança do que ocorre com o património dos editores (arquivos históricos e não

só), no sentido de reconhecer o estatuto patrimonial e histórico dos acervos dos livreiros e das livrarias enquanto espaços fundamentais da construção da cultura impressa e da história do livro e da edição. Mas é também urgente conferir ao debate um cunho de acção e de cooperação inter-institucional que suscitem uma sensibilidade política e o aparecimento de possibilidades concretas de salvamento, recolha e depósito sistemático de um dos mais fundamentais elementos da memória colectiva escrita. Os depoimentos referidos são de Fátima Ribeiro de Medeiros e dos Livreiros da Sá da Costa.

This special section represents the continuing of a project aimed at publicly debating the heritage of the agents involved in book production and circulation. Focusing on bookseller's heritage, we try to address, both in the analytical introduction and in the two contributions, its invisible character as a topic of research, safekeeping, and disclosure. It is, therefore, urgent to discuss the heritage and historical status of booksellers and bookshops' archives and memorabilia, just as much as with those of publishers, as these spaces are fundamental in the construction of print culture as well in the history of book and publishing. But it is also urgent to inscribe the debate in action and inter-institutional collaboration frameworks, in order to stimulate policy making and public awareness allowing in a systematic fashion to save, gather and keep one of the most crucial elements of the written collective memory. The statements referred to are from Fátima Ribeiro de Medeiros and Livreiros da Sá da Costa.

ÍNDICE

Keywords: booksellers, cultural heritage, historical archives, history of the book and publishing, archival policy, inter-institutional collaboration, collective memory, socio-cultural mediation

Palavras-chave: livreiros, património cultural, arquivos históricos, história do livro e da edição, política arquivística, cooperação inter-institucional, memória colectiva, medição sociocultural

AUTORES

NUNO MEDEIROS

Sociólogo, encontra-se a finalizar tese de doutoramento em Sociologia Histórica da Cultura sobre edição em Portugal no século XX (uma das suas áreas de especialização), um estudo da editora Romano Torres. É professor de sociologia na Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa, e investigador em Sociologia e Antropologia Histórica no CesNova – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. Entre os seus últimos artigos destacam-se “O objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição”, *Tempo Social*, vol. 22, n.º 2, 2010, p. 241-261; “Os mundos da edição em Portugal durante o Estado Novo”, *Estudos do Século XX*, vol. 9, 2009, p. 229-247; e “Editores e Estado Novo: o lugar do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros”, *Análise Social*, n.º 189 (XLIII), 2008, p. 795-815.

He is a sociologist who is currently completing his doctoral dissertation in Historical Sociology of Culture, concerning the Portuguese publishing industry in the 20th century (one of his main areas of interest), focusing on the case of Romano Torres publishing house. He teaches Sociology at Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Instituto Politécnico de Lisboa (Lisbon School of Health Technology of the Instituto Politécnico de Lisboa) and researches Historical Sociology and Anthropology at CesNova – Centro de Estudos de Sociologia da Universidade Nova de Lisboa. His latest articles are “O objecto dúctil: a emergência de uma sociologia histórica da edição”, *Tempo Social*, vol. 22, n. 2, 2010, p. 241-261; “Os mundos da edição em Portugal durante o

Estado Novo”, *Estudos do Século XX*, vol. 9, 2009, p. 229-247; and “Editores e Estado Novo: o lugar do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros”, *Análise Social*, n. 189 (XLIII), 2008, p. 795-815.

DANIEL MELO

Historiador e investigador auxiliar no Centro de História da Cultura da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (daniel.melo@fcsn.unl.pt). Doutoramento em História contemporânea (ISCTE, 2003). Entre outras, tem como principais áreas de interesse: políticas culturais, leitura pública, história do livro e da edição. Presentemente coordena o projecto interdisciplinar «Romano Torres: um arquivo histórico representativo da edição contemporânea», centrado na salvaguarda, estudo e divulgação do catálogo e do acervo documental desta editora centenária e na disponibilização dos mesmos à comunidade: para mais informações é favor aceder ao sítio de Internet do projecto (<http://fcsn.unl.pt/chc/romanotorres/>). É ainda co-mentor do Seminário doutoral de História da Leitura e da Edição, a funcionar na FCSH desde 2011/12. Os seus últimos artigos publicados são “O intelectual no seu labirinto: alta cultura, romance moderno e nacionalismo no tardo-oitocentismo português”, *Romance Studies*, vol. 31, n.º 2, p. 123-135, e “Entre as brumas de Londres: literatura e mundo no exílio português”, *Colóquio/Letras*, n.º 183, p. 25-35.

He is an Historian and a Research fellow at the Centro de História da Cultura (Centre for Cultural History) of the Universidade Nova de Lisboa since 2009 (daniel.melo@fcsn.unl.pt). Among his main research areas are cultural policy, public reading, and book and publishing history. He is currently coordinating an interdisciplinary project on Publishing culture with the support of the Calouste Gulbenkian Foundation to organize the historical archive and catalogue of the Portuguese centennial publishing house Romano Torres and make it available to the general public: for more information see the project's website (<http://fcsn.unl.pt/chc/romanotorres/>). He is co-mentor of the postgraduate Seminar on the History of Reading and Publishing, taught at FCSH since 2011/12. His latest articles are “O intelectual no seu labirinto: alta cultura, romance moderno e nacionalismo no tardo-oitocentismo português”, *Romance Studies*, vol. 31, n. 2, p. 123-135, and “Entre as brumas de Londres: literatura e mundo no exílio português”, *Colóquio/Letras*, n. 183, p. 25-35.

FÁTIMA RIBEIRO DE MEDEIROS

Docente e investigadora. Membro do IELT, FCSH-UNL. Livreira da Culsete